



SEÇÃO: ARTIGO

Becos da Memória: identidade e memória na construção da narrativa e de personagens subalternas

Becos da Memória: identity and memory in the construction of the narrative of subaltern characters

Jaísa Girardi Morais¹

orcid.org/0000-0002-8823-3946

jaisa.gm@gmail.com

Raissa Lauana Antunes da Silva¹

orcid.org/0000-0001-5375-8286

rlauana5@gmail.com

Recebido em: 30 set. 2020.

Aprovado em: 7 maio 2021.

Publicado em: 9 nov. 2021.

Resumo: O presente trabalho visa investigar a reconstrução de identidade e de memória de uma coletividade afrodiáspórica através da narrativa *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo. Narrativas que se constituem a partir de experiências negras em diáspora suscitam concepções de subjetividades que desconstruem uma narrativa hegemônica e dominante. Por meio dessa obra, há a possibilidade de explorar as vivências desses sujeitos subalternos que clamam para que suas vozes sejam escutadas e suas narrativas modificadas a partir da consciência de sua realidade. Logo, explorar as distintas histórias dos personagens é enxergar o significativo e doloroso papel da diáspora na concepção desses sujeitos ficcionais.

Palavras-chave: Identidade. Memória. História. Diáspora. Conceição Evaristo.

Abstract: The present paper aims to investigate the reconstruction of identity and memory of an aphyrodiásporic collective through the narrative *Becos da Memória*, by Conceição Evaristo. Narratives that constitute themselves by black experiences in diaspora raise concepts of subjectivities that deconstruct a hegemonic and dominant narrative. Through this work, there is a possibility to explore life experiences of these subordinate individuals which claim for their voices to be heard and their narratives to be modified by the awareness of their reality. Therefore, exploring the different stories of characters is to see the significant and painful role of the diaspora in the conception of these fictional individuals.

Keywords: Identity. Memory. History. Diaspora. Conceição Evaristo.

Introdução

"Pode o subalterno falar? O que a elite deve fazer para estar atenta à construção continua do subalterno? A questão da "mulher" parece ser a mais problemática nesse contexto. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras".

(Gayatri Spivak)

Ler Conceição Evaristo é ler um compilado de histórias que se ramificam e se unem para construir uma história coletiva, é perceber o que as une, o que as tornam verossímeis, o que desperta no sujeito leitor identificação ou compreensão. *Becos da Memória*, da referida escritora, produzido entre 1987/88 e publicado pela primeira vez em 2006, contempla histórias de um grupo social marginalizado. Esta obra, mais de trinta anos após sua criação e quatorze desde sua publicação, manifesta ecos de histórias que



¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

ainda são atemporais. Suas palavras carregam as narrativas e a busca de um povo por uma formação de identidade, resgate de sua memória e retomada de sua história por meio da reconstrução de seu passado e do seu presente.

Ao contar, por meio de Maria-Nova, histórias que representam as marcas da escravidão que ainda açoitam, questionam e desumanizam a história, a identidade e a memória de um determinado grupo social, a escritora possibilita a ilustração desses sujeitos que, não apenas viviam na favela de Maria-Nova, mas viveram e ainda vivem nas favelas espalhadas pela diáspora brasileira. Como diz Schmidt (2017), em seu posfácio de *Becos da memória*:

Dar corpo à memória dos moradores da favela, caminhando em sentido contrário ao dos estereótipos que se colam à pele dos subalternos em nossa sociedade, é, portanto, uma estratégia de grande impacto político e cultural, já que permite ao leitor brasileiro, desamparado de uma tradição de representações das diferenças sociais e raciais em nossa cultura, aprender, como sugere Regina Dalcastagnè (2008) 'um pouco do que é ser negro no Brasil' e do que 'significa ser branco em uma sociedade racista (SCHMIDT, 2017, p. 186).

Pensando nisso, no presente trabalho, investigamos a concepção de identidade do sujeito negro enquanto sujeito subalterno que historicamente foi constituído a partir e como a antítese do ser branco. Para isso, em um primeiro momento, buscamos compreender de que forma a identidade do sujeito negro se constitui, tendo como ponto de partida a outridade em relação ao sujeito branco e colonizador. Em seguida, relacionamos a construção da identidade por meio da memória, a qual será marca central da narrativa de Evaristo (2017). Por fim, analisamos a narrativa a fim de compreender como esses personagens se unem em uma única voz para denunciar a insuficiência de uma sociedade que ignora as diferenças desses sujeitos.

1 Identidade: o sujeito negro como outro

Inicialmente, para pensar a obra *Becos da memória*, questionamos e analisamos a concepção de identidade, a qual geralmente não está interli-

gada ao sujeito negro, uma vez que a construção de uma identidade é pertencente àquele que detém o poder dentro de um discurso. Conforme Silva (2000), a identidade é definida a partir de positivities que utilizam o "eu sou". Por isso, a definição de identidade é sustentada apenas no indivíduo que proclama o "eu". Entretanto, a fixação de uma identidade está também na criação de um outro, o qual será aquilo que o "eu" não é. Portanto, afirmar-se enquanto sujeito detentor de uma característica é negar aquilo que também não se é.

De forma concreta, a construção de uma identidade subalterna ocorrerá na significação imposta para esta, ou seja, uma produção simbólica, discursiva e, conseqüentemente, social, que regerá quais características são pertencentes à determinada formação identitária. Para isso, essa imposição se dará por intermédio de uma voz dominante, a qual determinará o que será considerado "eu central", suas características, e o que será considerado "outro", ou seja, o sujeito marginalizado. É esse pensamento eurocêntrico que "nos condiciona a ver as diferenças humanas segundo uma oposição simplista: dominante/subordinado, bom/mau, no alto/embaixo, superior/inferior" (LORDE, 2019, p. 239). Assim, através da disputa simbólica entre as relações de poder:

A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes (SILVA, 2000, p. 81).

Dessa forma, as relações entre identidade e diferença se propõem como uma alternativa de reconhecer a existência de uma relação de poder que define o que é bom ou mau e confirma a oposição entre dominando e subordinado cuja função é perpetuar um sistema que oprime e reforça que tudo que for diferente não é válido, fugindo à necessidade de definição dessas diferenças. Logo, fixar uma identidade como o "eu central", com aspectos positivos, é criar uma diferença

com aspectos negativos. Essa fundamentação se baseia na necessidade de diferenciar-se do outro para adquirir bens sociais que podem tornar o eu e o outro pertencentes a realidades díspares. Para isso, o outro deverá se tornar indigno de receber determinados privilégios, seja por sua capacidade física, seja pela cor de sua pele e também pela condição socioeconômica.

Tal discurso da diferença toma como base o poder da dominação, o qual, durante muitos anos, esteve nas mãos dos colonizadores. Ao considerar o outro como aquilo que não se é, aquele que domina a narrativa será capaz de manter uma dinâmica autoritária. Por intermédio da construção dessa outridade, a representação que se tem do outro será dominada pela autoridade superior, no caso, a branquitude hegemônica que delega ao sujeito subalterno um local específico de inferioridade, garantindo, assim, sua soberania social e econômica (SPIVAK, 2010).

Sobre isso, Morrison (2019) dirá que a conceitualização do termo "negro", cunhado para classificar africanos escravizados e descendentes de africanos que se encontram em diáspora, é cercada de conceitos científicos que visam oprimir esses sujeitos e diferenciá-los do eu padrão, ou seja, o branco colonizador que detém o poder da narrativa identitária. A marcação do negro em diáspora como o outro expande-se para além do poder do discurso, servindo também para justificar atos de torturas, abusos, linchamentos e perseguições para com aqueles pertencentes à classificação do "outro".

Essa concepção do negro a partir da outridade é evidente na narrativa de Evaristo (2017), uma vez que, enquanto sujeito negro, a personagem principal, Maria-Nova, opõe sua realidade aos daqueles que não vivem em seu contexto. Ao propor uma reescrita da história, a personagem suscita a ideia de que esta é pautada pela dominação e que não contempla aqueles que foram subordinados, demarcados como os escravos, pois são muitas vidas e são as diferenças entre elas que implicam na alteração da história oficial. Ainda, ao relacionar a discussão sobre a libertação dos escravos com o processo de desfavelamento cuja vivência pertence a ela e à comunidade em

que vive, pondera que a atitude de Negro Alírio em lutar para permanecer naquele local é uma forma de construir uma nova história.

Maria-Nova levantou-se dizendo que, sobre escravos e libertação, ela teria para contar muitas vidas. Que tomaria a aula toda e não sabia se era bem isso que a professora queria. Tinha para contar sobre uma senzala de que, hoje, moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida. [...] Eram muitas histórias, nascidas de uma outra História que trazia vários fatos encadeados, consequentes, apesar de muitas vezes distantes no tempo e no espaço. [...] Pensou em Negro Alírio e reconheceu que ele agia querendo construir uma nova e outra História. Maria-Nova olhou novamente para a professora e a turma. Era uma História muito grande! Uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora. Era diferente de ler aquele texto. Assentou-se e, pela primeira vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente (EVARISTO, 2017, p. 150-151).

Ainda, por meio deste trecho, entendemos como as dinâmicas estabelecidas entre esse "eu" e esse "outro" afetam a concepção individual de sujeito negro, distanciando-se do "eu" hegemônico não por querer, mas por uma quebra de vivências e conceitos criados por um mecanismo social que usa este sujeito como bode expiatório responsável por suas próprias opressões. A incompreensão quanto a este sujeito negro permite uma quebra e um distanciamento daqueles que não experienciam suas vivências, as quais causam exaustão a esses sujeitos que, assim como Maria-Nova, optam por sofrer em silêncio, já que falar seria extenso e doloroso.

Ao pensar na performatividade atrelada à identidade, observa-se que ela está ligada a uma identidade que resulta na fixação e na descrição de características específicas para o eu e para o outro. Com isso, aqueles sujeitos que são considerados o "outro" serão somente o que se espera de determinada nomeação, ou seja, um sujeito "negro" terá característica de performatividade específica para o social, mesmo que aquela não seja fidedigna a sua essência. A identidade desse sujeito será construída com base em definições feitas pelo outro que não é e não se identifica com tais distinções. Conforme aponta Silva,

Em geral, ao dizer algo sobre certas características identitárias de algum grupo cultural, achamos que estamos simplesmente descrevendo uma situação existente, um 'fato' do mundo social. O que esquecemos é que aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos linguísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente estamos descrevendo. Assim, por exemplo, quando utilizamos a palavra racista como 'negrão' para nos referir a uma pessoa negra do sexo masculino, não estamos simplesmente fazendo uma descrição sobre a cor de sua pessoa. Estamos, na verdade, inserindo-os em um sistema linguístico mais amplo que contribui para reforçar a negatividade atribuída à identidade 'negra' (SILVA, 2000, p. 93).

As descrições de determinados fatos levam, conseqüentemente, à formulação de estereótipos e são eles os responsáveis pela separação das diferenças entre o que é positivo e o que é negativo. Essas caracterizações regulam as definições de determinados grupos sociais e reforçam, através da linguagem, as relações de poder. À vista disso, na literatura brasileira, são evidentes as marcas do eu, sujeito branco, e do outro, sujeito negro, que se fundamentam na descrição desses indivíduos e na sua performatividade. Ser negro está atrelado a diversas características que, frequentemente, ligam-se com o imaginário da escravidão e das narrativas elaboradas para sua manutenção. A exemplo disso, no imaginário em que predomina o eurocentrismo, mulheres negras serão retratadas como mães ou prostitutas, enquanto homens negros serão retratados como ferosos, violentos ou violadores. Eles são o outro, os indignos, justamente, por características que lhes foram impostas e reforçadas pela cultura hegemônica que visa perpetuar a narrativa do colonizador. Presos a esses estereótipos, muitos sujeitos ainda são representados desta forma, outros ainda agem como tal, mas sem questionar o porquê aquele papel lhes foi designado. Em muitos casos, os sujeitos buscam a branquitude para integrar-se à cultura hegemônica e acabam negando a sua cultura em detrimento do que é imposto universalmente.

Através dessas ideias descritivistas da concepção de outro, deixa-se de perceber a complexidade por trás da formação desses sujeitos, os quais refletem anos de dor e de descaso. A desconexão com

uma história que perpassa as narrativas dolorosas que assolam o passado dos negros em diáspora brasileira repercutem por muitos anos. Ao percebermos essas nuances, reconhecemos que esses corpos feridos devem ser lidos e reestruturados de forma consciente. Para tanto, torna-se necessário recuperar a memória coletiva dos sujeitos negros a fim de não só desconstruir a narrativa hegemônica, mas assegurar que as identidades serão representadas de igual forma às identidades já canonizadas pela literatura ocidental.

2 Memória: a formação dos sujeitos negros através do coletivo

A escritora Grada Kilomba (2019), em seu livro *Memórias da plantaço*, recupera o retrato da escrava Anastácia e desenvolve a ideia de "máscara do silenciamento", uma vez que o objeto impedia as mulheres de falarem e até mesmo de comerem. A máscara era utilizada para evitar o roubo de comida e a rebelião verbal em relação aos senhores donos das escravas. Ao recapitular esse episódio marcante e que pode ser considerado um símbolo do silêncio, também se retoma que ao chegarem ao Brasil povos negros mantiveram e ainda mantêm tradições de resistência através de organizações como quilombos, confrarias religiosas, irmandades e práticas religiosas tais como o candomblé, umbanda etc.

Em consonância aos movimentos de resistência, há uma série de revoltas anteriores à sanção da Lei Áurea, tais como a Revolta dos Alfaiates e a Revolta dos Malês. Tais movimentos buscavam a legitimação de uma cultura outra, que não servia e ainda não serve à branquitude, e a luta pela liberdade, pela não exploração, pelo não silenciamento, pelo direito de simplesmente existir como um ser humano e não como um objeto comprado para servir ao outro, o detentor de poder econômico e social. Os movimentos de resistência representam o rompimento do silêncio, mas ainda não é o suficiente para a elaboração de uma narrativa que fuja aos padrões eurocêtricos os quais viabilizam a perpetuação do discurso do colonizador.

O homem branco, ao praticar atos violentos, imprimia sua força, não só física, mas moral em

relação à crença de superioridade sobre povos negros. Com esse discurso que assume um caráter de manutenção do poder dos brancos sobre os negros, é que se inicia a problematização de uma história única que não contempla a todos em sua constituição identitária e memorialística. Mesmo com a libertação dos escravos no final do século XIX no Brasil, tais crenças permanecem enraizadas como se pode observar a partir do estudo de Mary Del Priore e Renato Venancio:

Além dos sofrimentos da pobreza, tiveram de enfrentar uma série de preconceitos cristalizados em instituições e leis, feitas para estigmatizá-los como subcidadãos, elementos sem direito a voz na sociedade brasileira. Nesse sentido, é possível afirmar que a importação do ideário da *belle époque* esteve longe de ser ingênua. A ciência europeia da época, que passou a ser vista como critério definidor das sociedades civilizadas, era marcada por visões racistas, na qual os brancos ocupavam o primeiro lugar do desenvolvimento humanos, e os negros, o último (DEL PRIORE; VENANCIO, 2010, p. 219-220).

Mais uma vez, coloca-se em questão uma antinomia, dessa vez primeiro/último, evidenciando que o processo de produção da identidade e da diferença são pautados por uma relação de poder. A liberdade foi um documento, mas na prática o povo negro ainda estava imerso na subordinação e propenso a conviver com a neutralização da raça através da miscigenação como alternativa para produção de seu gradual branqueamento. Dessa forma, podemos pensar a escrita como uma alternativa para romper o silêncio, registrar a memória individual e coletiva dos sujeitos escravizados, reivindicar seu espaço identitário na história que se diz oficial e também uma forma de criar modelos que desconstruem a ideia de superioridade e nos propiciam a respeitabilidade entre as diferenças culturais, étnicas e raciais. Uma escrita capaz de dar voz à subalternidade relegada a esses personagens e que contribua para denunciar as relações de poder pautadas pela repressão.

Nesse sentido, é essencial recuperar a história e a memória de um povo subalternizado por muitos anos e registrá-la como um documento capaz de provocar uma profunda transformação na memória coletiva. Para além da oralidade, que

produz memórias é crucial a passagem para a escrita para que a memória seja materializada por meio das palavras, para isso lembramos quando Jacques Le Goff (1982), em seu livro *História e memória*, fala sobre a passagem da memória oral à memória escrita:

A escrita permite à memória coletiva um duplo progresso, o desenvolvimento de duas formas de memória. A primeira é a comemoração através de um monumento comemorativo de um acontecimento memorável. A memória, assume, então, a forma de inscrição e suscitou na época moderna uma ciência auxiliar da história, a epigrafia (LE GOFF, 1982, p. 427).

Por essas perspectivas, a obra de Conceição Evaristo se propõe a romper o silenciamento de um povo à margem, a valorização de sua possibilidade criativa, a celebração da ancestralidade contida nas relações entre as mulheres e suas netas, vizinhas, filhas e amigas, tendo como centro do debate o processo de desfavelamento. Tal processo permanece como uma lembrança e suscita memórias distintas a cada um desses indivíduos que, por muito tempo, permaneceram em convívio constante.

Entende-se a memória retratada em *Becos da memória* como um monumento que registra as vivências de Evaristo através do retrato real e criado da vida dos personagens. Em certa medida, a narrativa contribui também para a formação dos sujeitos negros, principalmente, quando recupera fatos históricos dos povos negros que saíram para lutar pelo direito à liberdade enquanto ocupavam cargos em empresas e, até mesmo, quando serviam às famílias escravocratas. Em similitude aos processos psicanalíticos de reflexão sobre a memória e o esquecimento, Le Goff reforça que

[...] a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva. O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento (LE GOFF, 1982, p. 422).

Como uma provocação aos apagamentos, as reflexões do autor contribuem para a afirmação de que há uma relação de poder que controla, além das produções de identidades e diferenças, a memória cristalizada e perpetuada por um grupo dominante sobre um grupo dominado. Se por um lado, há uma narrativa científica, vinda do século XIX, que incorpora práticas de branqueamento, ou seja, de incluir a população negra através da cumplicidade com o sistema opressor, por outro, há uma necessidade de trazer à tona os apagamentos a fim de reconhecer uma identidade por meio da valorização e explanação de como ela se constitui no espaço em que está inserida. Por essa perspectiva, a narrativa de Evaristo rememora o passado, constrói relações que permitem identificar as semelhanças comportamentais de um tempo se repetindo em outro, porém de outro modo.

Da mesma forma que também produz um sentido próprio aos seus personagens e como eles encaram emocionalmente os processos históricos nos quais estão inseridos e vivenciando cotidianamente. Não se trata de poetizar o sofrimento, mas que para além do sofrimento existe uma tradição de resistência que transforma e constrói a identidade desses sujeitos. A fim de contemplar a memória coletiva desse povo, o registro dessas memórias rompe o silêncio e evita a manipulação do discurso hegemônico. Ao retomarmos os espaços já citados, compreende-se que a favela representa um ambiente de resistência assim como as comunidades quilombolas representaram em grande escala e seguem resistindo nos centros urbanos. Para Pereira (2003), os quilombos constituem a marca importante para a construção da liberdade dos sujeitos negros:

Os quilombos persistiram e se estenderam Brasil afora, até a Abolição, em 1888. Quando ela foi conquistada, dos negros, que então constituíam dois terços da população, só cerca de 600 mil ainda eram escravos. Do movimento quilombola restavam comunidades negras herdeiras das terras ocupadas por seus antepassados. Em 2001, a Fundação Palmares havia identificado 741. A Constituição reconhece o direito dessas comunidades à propriedade jurídica das terras (PEREIRA, 2003, p. 121).

Nesse sentido, ao recuperar a importância

dos quilombos para a constituição da liberdade, ressalta-se que a manutenção desses espaços como elementos da memória coletiva reforça a constituição da identidade dos sujeitos negros e, portanto, a crítica ao desfavelamento. O ato de retirar pessoas de uma comunidade, deslocá-las para fora desse espaço periférico que as pertence, é também um ato que tem como objetivo destruir uma cultura e uma memória pautadas pela resistência. Conforme Bernd (1987, p. 41), "alicerçados em uma memória coletiva, resgatada, os grupos passariam a ter certeza de si próprios e acesso a esta dimensão mais ampla de identidade, que os integraria como agentes e não mais como atores na realidade nacional". O espaço marginalizado em *Becos da Memória* é uma favela, local reconhecido através da perspectiva de Maria-Nova, revelado pela narradora como um espaço de resistência e de pertencimento para as pessoas que ali habitam:

Ela via ali, em coro, todos os sofrendores, todos os atormentados, toda a sua vida e a vida dos seus. Maria-Nova sabia que a favela não era o paraíso. Sabia que ali estava mais para o inferno. Entretanto, não sabia bem o porquê, mas pedia muito à Nossa Senhora que não permitisse que eles acabassem com a favela, que melhorasse a vida de todos e que deixasse todos por ali. Maria-Nova sentia uma grande angústia. Naquele momento, sua voz tremia, tinha vontade de chorar (EVARISTO, 2017, p. 45-46).

Está claro que mesmo com as contradições que o espaço suscita, a personagem demonstra o sentimento de pertencimento e revela sua angústia diante do deslocamento forçado. Ainda, requer que "eles" melhorem a vida dos moradores, a marcação do poder simbólico através da linguagem confirma a sua condição de subalterna e submissa à ordem de alguém que detém o poder de permitir ou não que o processo diaspórico se efetive na vida daquelas pessoas.

Todos sabiam que a favela não era o paraíso, mas ninguém queria sair. Ali perto estava o trabalho, a sobrevivência de todos. O que fariamos em lugares tão distantes para onde estávamos sendo obrigados a ir? Havia famílias que moravam ali há anos, meio século até, ou mais. O que seria a lei usucapião? Eram estes pensamentos que agitavam a cabeça de Maria-Nova, enquanto olhava o movimento de tratores para lá e para cá (EVARISTO, 2017, p. 71).

Embora não fosse o paraíso, como pontuado pela narradora, era o lugar que produzia as memórias daquelas pessoas e através delas o resultado da sensação de pertencimento que alimentava a necessidade de permanecer e a angústia da despedida forçada. Nesse sentido, Grada Kilomba sugere justamente que a margem não deve ser vista apenas como um espaço periférico, um espaço de perda e privação, mas como um espaço de resistência e possibilidade; um local que nutre nossa capacidade de resistir à opressão, de transformar e de imaginar mundos alternativos e novos discursos (KILOMBA, 2019, p. 68). Dessa forma, a súplica pela melhoria das condições de vida da população e a permanência no local de pertencimento dos sujeitos que compõem a narrativa contemplam a resistência e a possibilidade de viver essa margem produzindo sentidos aos sujeitos.

A história individual dos moradores está completamente ligada à convivência em grupo na favela. A história individual de cada morador se concebe à medida que convivem no coletivo e produzem memórias coletivas que serão lembradas por cada um de uma forma. No romance de Evaristo, serão conhecidas através de Maria-Nova, personagem responsável por dar voz às histórias de todos os moradores e moradoras. Para além do rompimento desse silêncio, há necessidade de registro das histórias como mecanismo de representação desses sujeitos. Sendo assim, a história oculta e vivenciada por cada um consiste em resistir ao apagamento através da escrita. Conforme exposto:

Muitas vezes, mesmo aquilo que se encontrava aparentemente oculto no momento da travessia atlântica é capaz de revelar-se após esta, irrompendo das profundezas da memória. Aquilo que irrompeu pode novamente ocultar-se por tempos, para fugir da repressão, por exemplo. Ainda assim, pode mais vezes revelar-se sem perder a sua estrutura matriz. Desse modo, abrindo fendas, brechas e frestas, pode rasgar o tecido da cultura oficial e vir à tona exercendo um papel de resistência, estabelecendo uma espécie de guerra silenciosa, porém, contínua e ininterrupta (DEUS, 2020, p. 51).

Ao acessar outras histórias, a personagem Maria-Nova rompe o que está oculto a todo mundo enquanto escuta as histórias de seus vizinhos e através da memória abre brecha para

a reconstituição de uma luta e para a reescrita de uma história que se diz oficial, mas não inclui as vozes subalternas. Um desses momentos é demonstrado quando conversa com Tio Tatão e ele lhe conta sobre uma guerra em que participou para assegurar a liberdade do povo negro e ele explica que muitos escravos:

Foram com a promessa de que, quando voltassem, ganhariam a liberdade. Guerrear foram, havia a promessa de alforria. Muitos negros morreram na época e os que voltaram puderam perceber que a conquista da liberdade pedia não somente a guerra de que eles haviam participado, mas uma luta muito particular, a deles contra a escravidão (EVARISTO, 2017, p. 56).

A declaração do tio revela a condição para a liberdade por meio de uma troca. A liberdade só seria conquistada se guerreassem. Em outros moldes, o deslocamento tinha algo a oferecer. Assim, aos moradores da favela reservavam a escolha de material para construir um novo barraco em outra localidade ou uma indenização e "Quem optasse pelo dinheiro recebia uma quantia tão irrisória, que acabava sendo gasta ali mesmo. Depois vinha o pior, decorrido o prazo de permanência, nem o dinheiro, nem as tábuas, nem os tijolos, só o nada" (EVARISTO, 2017, p. 71). Entre tantos outros relatos ao longo da obra, percebe-se que as histórias conhecidas pela personagem fazem parte da constituição de sua identidade e contribuem ativamente para o seu desejo de mudar a realidade e de romper com esse ciclo que tende a se repetir. Ela precisa colocar o dedo na ferida de seus antepassados para identificar aspectos similares e os que foram modificados pelo tempo, mas que de uma forma ou outra se encontram no limiar de seu tempo de escuta. Assim, a personagem, pela perspectiva da narradora, manifesta sentir

Saudades de um tempo, de um lugar, de uma vida que ela nunca vivera. Entretanto o que doía mesmo em Maria-Nova era ver que tudo se repetia, um pouco diferente, mas, no fundo, a miséria era a mesma. O seu povo, os oprimidos, os miseráveis; em todas as histórias, quase nunca eram os vencedores, e sim, quase sempre, os vencidos. A ferida dos do lado de cá sempre ardia, doía e sangrava muito (EVARISTO, 2017, p. 63).

A subalternidade dos personagens do romance é descrita pela narradora, nesse trecho, como os oprimidos e miseráveis e ainda fixa outra oposição, a dos vencedores e vencidos. Não era a escravidão propriamente dita que se repetia, aos moldes retomados por Kilomba (2019), mas a marginalização do povo negro por se ocuparem com profissões estereotipadas tais como doméstica, prostituta, ladrão, traficante. Como se esses fossem os únicos espaços ocupados por negros e os únicos possíveis para a construção de sua identidade a partir do olhar eurocêntrico e hegemônico que até hoje permeia os discursos proferidos nos meios sociais.

O desfavelamento também compõe o ato repetitivo por representar a transferência de uma população territorializada para outro local com a promessa de melhoria das condições de vida daquele povo. Mas o que acaba causando é justamente mais mortes, como o suicídio de Cidinha-Cidoca ou a aventura de quatro moradores embriagados ao se proporem andar nos tratores que estavam parados e com isso um provoca um acidente, gerando quatro mortes de uma só vez. Não morrem apenas pessoas, mas também morre a memória coletiva que se constituiu naquele espaço, por moradores e moradoras que ali cresceram e construíram suas vidas. Nesse sentido, relembramos que:

A diáspora africana histórica no continente americano decorre do processo do colonialismo europeu, do tráfico transatlântico e do sistema de escravidão. As principais características que distinguem essa diáspora, como uma formação global, de outros grupos socialmente diferenciados são as seguintes experiências históricas: migração e deslocamento geosocial - a circulação da população -, opressão social - relações de dominação e subordinação - resistência, luta e ação política e cultural (DEUS, 2020, p. 52).

No Brasil, o processo de colonialismo europeu pode ser percebido por uma política higienista, após 1889, conforme lembra Del Priore e Venancio, movida por projetos de reurbanização abraçados pelos poderes públicos. Essa decisão "implicava desalojar milhares de famílias pobres - a maior parte delas de negros e mulatos - ex-

pulsando-os de áreas centrais, onde estavam os cortiços, para locais de difícil edificação" (DEL PRIORE; VENANCIO, 2010, p. 222-223). Para os historiadores, a partir dessas mudanças a favela era inventada. E com o romance de Evaristo o que se percebe é que novamente o poder público contribui para as relações de dominação e subordinação e ocasiona o deslocamento forçado.

A partir do momento em que as pessoas vão saindo da favela, levando seus móveis e seus pertences, vão se afastando da coletividade, da que faziam parte, para compor um novo núcleo de pessoas com as quais produzirão outras memórias. Aquelas memórias ligadas àquele espaço podem se perder coletivamente, mas individualmente permanecerá até que sejam lembradas que elas existem e é por essa perspectiva que Maria-Nova receberá de Tio Tatão a responsabilidade de contar as histórias e registrar a memória não só dela, mas de todas as pessoas que ela conheceu e às quais têm conhecimento da história de vida. Tio Tatão enfatiza que, através das palavras de Maria-Nova, "muitos vão se libertar, vão se realizar por meio de você" (EVARISTO, 2017, p. 111). Responsável por contar a história, a personagem que presencia a destruição do espaço ocupado pela comunidade em que memórias eram fabricadas, não será destruída e, para isso, relembramos que:

Entretanto, o processo de reelaboração da memória faz intervir não só na ordenação desses vestígios de africanismos, mas também em suas releituras, que, na maioria dos países do continente americano, estão presentes na cultura, mas que foram relegadas à estante do folclore e à estante da cultura popular. Mas elas, as releituras, estão presentes apesar disso, porque **não é possível apagar memórias e eliminar culturas senão ao preço da destruição física daqueles que são seus portadores**. A cultura é aqui entendida como processo que permite ao ser humano compreender sua experiência no mundo e conferir sentido à sua existência (DEUS, 2020, p. 52, grifo nosso).

Em relação a isso, por meio da perspectiva de Maria-Nova, Conceição Evaristo evoca suas lembranças e memórias e contribui para a não destruição de uma cultura que deve estar, a todo momento, afirmando sua existência e resistindo ao apagamento, pois é de suma importância que

povos negros se sintam identificados e produzam alteridade a partir da leitura de narrativas que representem a sua identidade e sua ancestralidade. Evaristo confere, em sua narrativa, a produção de sentido da existência de povos silenciados e que pouco a pouco vão legitimando sua narrativa, pois não é uma posição superior à eurocêntrica, mas complementa e integra parte da história que lhes foi negada por séculos.

Assim sendo, Evaristo rejeita o modelo eurocêntrico e hegemônico de escrita e prioriza a origem e a ancestralidade dos povos negros, a partir de uma memória coletiva baseada na resistência, que cultiva suas tradições e valoriza a vida dos seus. A autora constrói a memória coletiva daquela população sem se confundir com as memórias individuais de cada um. É através de Maria-Nova que temos acesso às histórias individuais e é ela que nos mostra o quão similares são as experiências dos indivíduos ao relacionar passado e presente, de forma que percebemos como a afrodiáspora constitui elemento da memória dos sujeitos ali narrados.

3 Narrativas diaspóricas: uma fusão entre identidade e memória

As narrativas diaspóricas escritas por mulheres devem ser observadas no sentido de retratarem características peculiares a determinados deslocamentos. Buchi Emecheta (2018), em *Cidadã de segunda classe*, narra o deslocamento espontâneo da personagem Adah e de sua família. Quando decidem sair da Nigéria para a Inglaterra, a fim de conquistar ascensão social e econômica, também enfrentam os preconceitos do povo colonizador. Ela e o marido não conseguem alugar casas por conta de sua cor e até são orientados pelo governo a entregarem seus filhos para adoção. Em paralelo, em *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie (2013), a diáspora enfrentada pela personagem Ifemelu transporta o leitor às dificuldades de se viver entre meios. Ifemelu, pela primeira vez, como uma mulher negra fora do país que lhe deu vida e cultura, reconfigura sua identidade para enquadrar-se a padrões exteriores. O deslocamento de quem

é frente ao lugar que ocupa dentro de cada sociedade, primeiro a sociedade nigeriana que lhe deu a vida, em seguida a sociedade americana em que vive durante quinze anos, revela a vivência em diáspora para mulheres negras, as quais estão em constante modificação de seus "eus" com base no local em que se encontram.

Ambas as narrativas, exibem semelhanças com as particularidades diaspóricas presentes na narrativa de *Becos*, uma vez que o processo de desfavelamento narrado por Conceição Evaristo pode ser considerado como um movimento diaspórico forçado marcado, assim como em *Cidadã de segunda classe*, pelas marcas socioeconômicas enfrentadas pelas personagens, e em *Americanah*, pelo sentimento de outridade desenvolvido ao longo da trama. Dessa forma, os elementos que compõem a memória e a identidade desses sujeitos são desconsiderados e, conseqüentemente, enfraquecidos tendo em vista o deslocamento que enfrentam. Ao analisar a narrativa de Evaristo (2017), observamos a construção e a manutenção da diáspora por meio das lembranças coletivas, histórias contadas para Maria-Nova que as guarda com zelo para serem reescritas no futuro. Sobre isso, Halbwachs dirá que

para melhor me recordar, me volto para elas, por um instante adoto seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois experimento ainda sua influência e encontro em mim muitas ideias e maneiras de pensar a que não me teria elevado sozinho, pelas quais permaneço em contato com elas (HALBWACHS, 2009, p. 31).

De certa forma, a personagem anseia pelas histórias dos moradores da favela para que possa reformular o que ela leu na escola e dar voz à narrativa de seus pares uma vez que o silêncio foi identificado. Estar em contato com as memórias individuais de outras pessoas é um modo pelo qual a personagem elabora a sua memória e a sua identidade se constitui através das somas de todas as histórias acessadas. Para relacionar memória e identidade, precisamos compreender que a memória individual forma a personalidade do indivíduo, enquanto a memória coletiva a realoca dentro de um grupo, ou seja, dentro de

uma identidade cultural que vai além de si. Nas memórias coletivas, encontraremos memórias individuais que se unem para contar a história de uma sociedade. Com isso, Maria-Nova se forma enquanto sujeito, mas não apenas um sujeito que calará, mas que usará sua voz para recolher e reverberar a história de seu povo.

Sim, ela iria adiante. Um dia, agora ela já sabia qual seria sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, **que era de cada um e de todos**. Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo (EVARISTO, 2017, p.177, grifo nosso).

O silêncio e a subalternidade constituíam a memória individual e coletiva marcada na narrativa pela expressão "era de cada um e de todos". E a escrita, como ato futuro à vivência da personagem, seria o resultado da valorização dessas vozes silenciadas. Assim, acompanhamos a formação da memória individual e da identidade de Maria-Nova, a qual experiencia o desfavelamento e diversos acontecimentos que a formam como sujeito individual e contribuem para a constituição de sua identidade pessoal e de sua memória coletiva, a qual lhe dará, de certa forma, uma identidade social. Pelas narrativas dos personagens que lhe confidenciam seu passado, a personagem central da obra forma sua memória coletiva e sua identidade. Ao ler as experiências, perceberemos uma formação barrada pela dor, que ecoa e que é sentida mesmo sem a completa compreensão da personagem, que se identifica com o banzo de todo um passado-presente que tanto lhe custam.

Por meio de sua memória individual, acessamos o processo de construção de uma identidade repleta de dores, mas ainda assim vai além dos estereótipos que previamente eram propagados pela literatura. Os personagens se constituem a partir de dilemas, tristezas e alegrias que apresentam um fundamento maior do que apenas um caráter descritivo que os reúne enquanto comunidade. Por meio da memória coletiva, acessamos a destruição de uma comunidade que, gerida pela cor, sofre ataques e castigos inimagináveis.

As histórias contadas para Maria-Nova envolvem muita dor e sofrimento e muitas envolvem

o deslocamento dos sujeitos de um local a outro anteriormente ao processo de desfavelamento que estão vivenciando. Tio Totó é o primeiro personagem cujo passado teremos acesso, logo sabemos que perdeu suas esposas em meio aos deslocamentos forçados que teve de fazer ao longo da vida e, ao recuperar essas memórias, não consegue ressuscitar a esperança que tivera antigamente para seguir vivendo e resistindo:

Tio Totó andava inconsolável: já velho, mudar de novo, num momento em que seu corpo pedia terra. Ele não sairia da favela. Ali seria sua última morada. Ele olhava o mundo com o olhar de despedida. Olhava sua terceira mulher, seus netos órfãos, sua casinha caiada de branco, algumas galinhas e o chiqueiro vazio (EVARISTO, 2017, p. 18).

A marca da resistência de Tio Totó se dá justamente pela necessidade permanência no último lugar que gostaria de estar e encerrar sua vida. O personagem que aparece em seguida se chama Bondade e guarda consigo os segredos de muitas pessoas e, em muitos momentos, revela-os para Maria-Nova que, surpreendida, vai constituindo sua identidade através da memória de outro, daqueles que vieram antes dela e passaram por situações tão parecidas com aquela em que a favela estava passando:

A menina andava ansiosa para que Bondade lhe contasse alguma. Fatos estavam acontecendo, muitas coisas ela percebia, mas só conseguia um melhor entendimento, por meio das narrações que ouvia. Ela precisava ouvir o outro para entender (EVARISTO, 2017, p. 53).

Nessa passagem, a narradora revela a necessidade de compreender a experiência do outro através da palavra para assim constituir a sua compreensão diante dos fatos que abarcavam o seu cotidiano. A história de Negro Alírio, contada por Bondade utilizando o vocativo "Homem" para se referir a Alírio, também é uma história de despedida, de retirada, de deslocamento. Uma vez que o Homem descobre as atitudes injustas de um coronel, este forja o suicídio de integrantes pertencentes a uma mesma família, e aquele resolve enfrentá-lo e ameaça contar que viu os capangas do coronel jogarem as pessoas

da família no rio. Como uma forma de manter o jovem em silêncio, o senhor proporciona acesso aos estudos na tentativa de conquistar um aliado, mas é malsucedido em seu intento.

Depois de um tempo, o Homem percebe mudanças na fazenda e vê que as pessoas estavam conseguindo mudar o rumo de suas vidas e resolve buscar outro modo de viver e em outro lugar. Essa diáspora pode ser vista como espontânea, porque o sujeito acredita ter cumprido sua missão no local, a missão de contribuir para a emancipação daqueles sujeitos e, portanto, estava pronto para contribuir nesse sentido em outros locais e por isso resolveu partir. Entretanto, outra leitura possível é justamente a de que o sofrimento causado pelo coronel à família dos Zica tenha contribuído para o afastamento, para a desesperança e para a frustração naquele local, o que pode ser menos provável, mas ainda assim é um misto contraditório conforme conhecemos as histórias das personagens.

Nenhuma das diásporas percebidas na narrativa de Evaristo pode ser considerada espontânea pela tomada de consciência dos sujeitos. Todas as situações envolvem uma repressão por parte de uma instituição que detém poder, marcada na narrativa muitas vezes por "firma construtora" e similares, e, nessa disputa narrativa por poder e por perpetuar uma memória universal que legitima os padrões eurocêntricos, o racismo permanece nas entranhas da população. Ao forçar a diáspora, o colonizador, que aqui é representado pelo Estado em função da iniciativa privada, ignora a existência humana e a relação de pertencimento do povo com seu território. Assim, em meio ao desfavelamento que vai ocorrendo a parcelas, Maria-Nova e os que ficam vão vendo os que se vão e sentem muito, a favela vai ficando vazia e os becos vão se dissipando, inexistindo à ocupação e resistindo à memória, às lembranças de quem viveu momentos bons e momentos tristes naquele lugar com as pessoas que amou. Pode se ver que:

Dos muitos que já haviam partido, tínhamos notícia de que não estavam bem. Sonhávamos. Caso o plano do desfavelamento fosse suspenso, apesar de a ida deles ter acontecido há mais de um ano, quem sabe poderiam até voltar... A

chuva impedia o sol, mas dentro de muitos, de Tio Totó, de Maria-Nova, de Bondade e principalmente das crianças, um sonho ingênuo brincava no coração deles. Uma réstia de luz, um sol esperançoso, de que o território em que estava plantada a vida de todos poderia ser para sempre deles (EVARISTO, 2017, p. 140-141).

Ao menos na memória de cada morador e moradora, as histórias permanecem vivas e fazem parte da construção da identidade a partir da ocupação de um espaço rico em afeto, tradições e histórias de luta e resistência. O desejo de permanecer naquele território era um sonho ingênuo, mas que alimentava a esperança e consequentemente os faziam resistir a um processo doloroso e marcante em suas vidas.

Considerações finais

Identidade e memória. Esses foram os temas essenciais para a organização deste trabalho, o qual poderia se estender por mais páginas a fim de expressar a complexidade da formação do sujeito negro na narrativa afrodiáspórica de Conceição Evaristo. A compressão do outro em diáspora, o qual é concebido como sujeito subalterno de uma sociedade marcada por negativas, perpassa a literatura e a realidade de tal forma que, talvez, ainda não sejamos capazes de explicar em poucas páginas e nem de compreender inteiramente a complexidade desta dinâmica proposta pelo dominador.

A dinâmica apresentada na narrativa de *Becos*, a qual evidencia, pela voz coletiva, as marcas deixadas pela escravidão, serve como alerta e como busca para uma cura desses sujeitos que foram e continuam a ser propositalmente marginalizados. Para além da não-existência, esses sujeitos formam a si através da dor e, de certa forma, formam as próximas gerações, que sentem em sua cor e em suas almas as cicatrizes gravadas na pele e na memória de seu povo.

Ao perceber as composições que marcam a narrativa de Conceição Evaristo, como a formação de um "outro" que busca deixar de ser outro para se tornar "eu" e o resgate da memória para a construção da identidade, dialogam com diversas outras narrativas em que são evidenciadas

as subalternidades dos sujeitos, dentre elas as citadas ao longo do trabalho e tantas outras que não foram incluídas, tais como obras produzidas pelos brasileiros Marcelino Freire, Ferréz e Sérgio Vaz. Por fim, compreendemos que o processo de escrita de *Becos* toma por base a formação do "nós", em que fundamenta o "novo eu" e o "novo eu" fundamenta o "nós". Nada narrado é em vão. Nada narrado é superficial. Conceição Evaristo conta presente, passado e futuro e nos apresenta à complexidade de ser negro no Brasil. Principalmente ao tratar o processo de desfavelamento. Este que está entranhado em uma tradição hegemônica cujo objetivo é afastar ainda mais povos negros da construção de sua identidade através das memórias que produzem entre si dentro dos espaços que ocupam. Um processo que tem por sua base a dominação de uma classe sobre a outra em nome dos interesses econômicos e que vem tomando novas faces desde o século XIX.

Referências

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato. *Uma breve história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

DEUS, Zélia Amador de. Espaços africanizados do Brasil: algumas referências, de resistências, sobrevivências e reinvenções. In: DEUS, Zélia Amador. *Caminhos trilhados na luta antirracista*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 51-64.

EMECHETA, Buchi. *Cidadã de segunda classe*. Tradução Heloisa Jahn. Porto Alegre: Dublinense, 2018.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2009.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. Rio De Janeiro: Cobogó, 2019.

LE GOFF, Jacques. *Memória*. In: *História e memória*. Tradução: Irene Ferreira. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 239-249.

MORRISON, Toni. *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura*. Tradução de Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PEREIRA, José Maria Nunes. Cultura afro-brasileira. In: BELLUCCI, Beluce (coord.). *Introdução à História da África e da Cultura Afro-Brasileira*. Rio de Janeiro: UCAM: CEAA: CCBB, 2003. p. 119-126.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Jaísa Girardi Morais

Graduada em Letras Português pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil; mestranda em Teoria da Literatura no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Bolsista CAPES.

Raissa Lauana Antunes da Silva

Graduada em Letras pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), em Caxias do Sul, RS, Brasil; mestranda em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil; bolsista CNPQ; atua no grupo de pesquisa Crítica e produção literária no Caderno de Sábado (*Correio do Povo* (RS)): autoria feminina e masculina em pauta.

Endereço para correspondência

Jaísa Girardi Morais/ Raissa Lauana Antunes da Silva
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Av. Ipiranga, 6681, Prédio 9, sala 29
Partenon, 97010-082
Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação das autoras antes da publicação.